



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC  
CURSO DE FILOSOFIA**

**MAGNA GOMES DOS SANTOS**

**O CONCEITO DA AMIZADE NO LIVRO VIII DA ÉTICA A  
NICÔMACO DE ARISTÓTELES.**

**CAMPINA GRANDE**

**2017**

**MAGNA GOMES DOS SANTOS**

**O CONCEITO DA AMIZADE NO LIVRO VIII DA ÉTICA ANICÔMACO DE  
ARISTÓTELES**

Trabalho de conclusão de curso - Artigo-  
apresentado ao curso de Filosofia da  
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB -  
com requisito parcial à obtenção do Título de  
Licenciado em Filosofia.

Orientador: Professor Jose Arlindo Aguiar.

CAMPINA GRANDE - PB

AGOSTO / 2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237c Santos, Magna Gomes dos  
O conceito da amizade no livro VIII da ética a Nicômaco de  
Aristóteles [manuscrito] / Magna Gomes dos Santos. - 2017.  
18 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.  
"Orientação: Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho,  
Departamento de Filosofia".

1. Ética 2. Prazer recíproco 3. Amizade I. Título.

21. ed. CDD 174

MAGNA GOMES DOS SANTOS

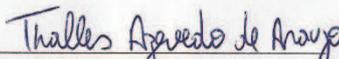
**O conceito da amizade no livro VIII da *Ética a Nicômaco* de  
Aristóteles**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Graduação em Filosofia da  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção do  
grau de Licenciada em Filosofia.

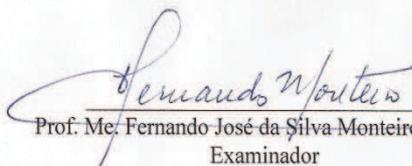
Aprovado em 01/08/2017.



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB  
Orientador



Prof. Dr. Thalles Azevedo de Araújo / UEPB  
Examinador



Prof. Me. Fernando José da Silva Monteiro / UEPB  
Examinador

À minha família, que ao longo desses quatro anos esteve a meu lado, incentivando-me a lutar pelos meus objetivos.

## **AGRADECIMENTO**

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me proporcionado cada momento e ter me dado forças para lutar e chegar até aqui; agradeço aos meus pais que não mediram esforços para que eu pudesse chegar aonde cheguei e que por diversas vezes me aconselharam e mostraram que lutar é preciso e que nada vem fácil;

Agradeço aos meus familiares, que em momentos conturbados souberam me ouvir; ao meu orientado José Arlindo Aguiar, que aceitou estar comigo nesse momento.

Aos colegas que participaram deste curso tão grandioso; aos professores que tive ao longo desses quatro anos e a honra de ter contato, que de uma forma particular e peculiar, puderam transmitir um pouco de seu conhecimento.

A amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos. (ARISTÓTELES, 1987, p. 141).

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. ABRAGÊNCIA DA AMIZADE.....	8
2. AMIZADES ACIDENTAIS.....	10
3. AMIZADE PERFEITA.....	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS.....	18

## RESUMO

O trabalho a ser apresentado, se refere ao livro VIII da *Ética a Nicômaco* do filósofo Aristóteles, onde o mesmo expõe os três tipos de amizade existentes. A amizade baseada na utilidade, a amizade visando o prazer e por último a amizade perfeita. Segundo o filósofo estas amizades diferem entre si, cada uma com sua particularidade. A amizade pela utilidade, visando apenas os benefícios, a segunda forma que é concernente ao prazer recíproco na convivência amigável. Segundo o filósofo estas amizades são consideradas acidentais, visto que se dão de modo passageiro. Por fim teremos a amizade espelhada na bondade (ou virtude), algo que Aristóteles tomava como perfeita. Com base no pensamento aristotélico propõe-se estes três tipos de amizade, visando observar suas diferenças.

**PALAVRAS CHAVE:** Amizade; *Ética*; *Ética a Nicômaco*; Aristóteles.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo trazer uma reflexão sobre a amizade, com base no pensamento de Aristóteles, de forma mais precisa no livro VIII da *Ética a Nicômaco*, apresentando de tal modo o que o filósofo expõe em sua obra, tentando compreender melhor as formas de amizade. Deste modo, o trabalho consiste em demonstrar o que vem a ser uma amizade perfeita, elencando também as outras formas de amizades às quais Aristóteles menciona serem formas acidentais, visto que elas se dão de maneira passageira.

Pesquisar sobre esse tema é algo muito relevante e de grande valia para nosso crescimento e aprendizado, pois verificamos a importância que tem a amizade em nossas vidas e o bem que esta pode nos proporcionar.

Aristóteles demonstra em seus escritos que a amizade é uma virtude e com tal merece nossa total atenção e cuidado, pois é peça fundamental para obter a felicidade. Partindo disto, farei nesse primeiro momento um breve comentário sobre as três formas de amizades citadas pelo Estagirita em seu livro: A amizade por interesse, prazer e a amizade perfeita, elencando a importância de cada uma.

Segundo Aristóteles, a amizade é necessária à vida e como tal merece nossa total atenção. A amizade é, segundo o filósofo, uma excelência e algo difícil de ter. Desta maneira, será através desses três tipos de amizade (A amizade por interesse, prazer e a amizade perfeita) que buscaremos compreender a importância da amizade para Aristóteles.

## 1. ABRAGÊNCIA DA AMIZADE

Como podemos compreender, a partir da leitura do livro VIII da *Ética a Nicômaco*, Aristóteles introduz o tema da amizade, bem como da sua importância para o homem que vive na *polis* grega. Segundo o filósofo “sem amigos ninguém escolheria viver, ainda que possuísse todos os outros bens (ARISTÓTELES, 1987, p.139). Nesse sentido, a importância da amizade parece assumir um caráter bem mais distinto do que os bens materiais pertencentes ao homem. Precisamos analisar, portanto, o que é a amizade e sua relevância para o desenvolvimento de atitudes práticas na vida dos indivíduos de modo que, ninguém vive sem amigos, mesmo tendo vários bens, a amizade é o melhor deles.

Sem amigos ninguém escolheria viver, ainda que possuísse todos os outros bens. E acredita-se, mesmo, que os ricos e aqueles que exercem autoridade e poder são os que mais precisam de amigos; pois de que serve tanta prosperidade sem um ensejo de fazer bem, se este se faz principalmente e sob a forma mais louvável aos amigos? Ou como se pode manter e salvaguardar a prosperidade sem amigos? Quanto maior é ela, mais perigos corre. (ARISTÓTELES, 1987, p.139).

Segundo o filósofo amigos são seres de grande valia, capazes de ajudar a transformar a vida de quem se permite ter um amigo a seu lado. Não ter amigos, levaria o homem a um estado de tristeza e desolação, uma vez que até mesmo um rico, possuindo riquezas e bens em grandes quantidades não seria feliz, porque lhe faltaria à companhia de um amigo. Sendo assim, de nada vale seus bens e sua riqueza.

Seguindo a linha de pensamento aristotélico, Berti destaca que:

A amizade é uma das condições necessárias para a felicidade, de modo que é natural que seja dedicado a ela um espaço considerável numa obra como a *Ética a Nicômaco*, que é fundamentalmente uma obra sobre a felicidade. Em segundo lugar deve-se ter presente que para Aristóteles o termo “amizade” (φιλία) tem um âmbito semântico muito mais vasto que aquele que tem para nós. (BERTI, 2014, p.123).

A amizade é destacada como condição necessária para a felicidade, e quando bem vivida proporciona um bem imenso aquele que está a sentir e ao que está a receber, pois sabemos que em alguns casos, a amizade é tida como uma forma de refúgio e consolo.

Possivelmente por isso Aristóteles argumenta que:

A amizade também ajuda os jovens a afastar-se do erro, e aos mais velhos, atendendo-lhes às necessidades e suprindo as atividades que declinam por efeito dos anos. Aos que estão em vigor da idade ela estimula à prática de nobres ações, pois na companhia de amigos (...) os homens são mais capazes tanto de agir como de pensar. (ARISTÓTELES, 1987, p.139).

É possível notar que isto se dá nas relações entre jovens, nos de idade avançadas e até mesmo na pobreza. As amizades entre os jovens podem ajudá-los a não cometerem erros ou pelo menos evitá-los mediante as situações da vida, afastando-os de um caminho distorcido e desnecessário. No caso das pessoas de idade mais avançada, a relação se dá no acolhimento, amparando-os em momentos difíceis, já que sua capacidade de autonomia se reduz, e suas forças físicas vão diminuindo com o passar do tempo, e com isso passam a necessitar de ajuda para realizar atividades que já não conseguiam exercer. Por outro lado, temos os que estão bem, ou seja, os que possuem saúde e uma boa condição física e mental, mas mesmo tendo essas condições não abrem mão do bem precioso que é a amizade, pois sabem de sua importância; a amizade serve para estimular e fortalecer as ações. Logo, percebe-se como é grandioso o contato entre dois ou mais seres que desejam ter essa riqueza e esse bem chamado de amigo.

Desta maneira verifica-se que.

A amizade é, primeira condição, uma relação recíproca: não posso ser amigo de alguém que, de sua parte, não é meu amigo[...] esta relação recíproca não pode passar despercebida. Embora possa amar alguém sem que ele o saiba, não posso ser amigo de alguém sem que ele tenha consciência disso. [...] a amizade é tal que, através dela, desejamos ao amigo todo o bem não para nós mesmos, mas em vista do próprio amigo. (ZIGANO, 2009, p. 463-464).

O contato nessa relação é fundamental, não há como ser amigo de alguém sem ao mesmo ter algum contato. Contudo, para que uma relação de amizade possa estender-se o mais certo é que haja a aproximação; isso não apenas entre amigos, mas também nas relações de filhos e pais. Conseqüentemente, a amizade se faz presente entre eles e se dá no convívio do lar em família, onde há o cuidado e o interesse pelo bem-estar de quem se encontra próximo.

Segundo Aristóteles, a amizade também se encontra em meio aos animais, aves e os membros da mesma raça. Neste caso cada espécie faz de tudo para poder proteger seus membros e desejam manter a segurança e a tranquilidade no ambiente em que vivem. Portanto, uma das qualidades da amizade é a cumplicidade e o companheirismo. Partindo disto, nota-se o quanto se faz necessário cuidar e proteger, seja em meio aos animais racionais ou irracionais. Ela faz toda a diferença e não há como negar.

A amizade também parece manter unidos os Estados, e dir-se-ia que os legisladores têm mais amor à amizade do que à justiça, pois aquilo a que visam acima de tudo é a unanimidade, que tem pontos de semelhanças com a amizade; e repelem o facciosismo como se fosse seu maior inimigo. (ARISTÓTELES, 1987, p.139).

Sendo assim, podemos dizer que a amizade é uma excelência, uma vez que une povos e nações mantendo a paz e a união entre os estados e civilizações em decorrência dos laços de amizade.

E quando os homens são amigos não necessitam de justiça, ao passo que os justos necessitam também da amizade, e considera-se que mais genuína forma de justiça é uma espécie de amizade. Não é ela, contudo, apenas necessária, mais também nobre porquanto louvamos os que amam os seus amigos e consideram uma bela coisa ter muitos deles. E pensamos por outro lado, que as mesmas pessoas são homens bons e amigos. (ARISTÓTELES, 1987, p.139)

A amizade, segundo Aristóteles, é de fundamental importância, pois uni e estabelecer vínculos entre povos. Logo, Aristóteles a estima como virtude, por ser um bem.

Desta maneira, para que se possa viver em sociedade, o respeito e o bem comum são fundamentais, pois é a partir do bem comum e da concórdia que as diferenças podem ser respeitadas. Desta maneira, para que tudo isso ocorra, é necessário que a amizade possa ser verdadeira, uma vez que se dá no convívio, na entrega e no respeito proporcionando alegria e promovendo, de certo modo, a união de povos. Partindo de questões como estas compreende-se o quanto a amizade proporciona ensinamentos e aprendizagens, levando o homem a compreender melhor o seu significado e sua importância. Conseqüentemente, a amizade é necessária para que o homem se realize como um ser em meio a uma sociedade que cobra e nos questiona a todo o momento. Fica claro que ninguém é dono deste bem ao qual se dá o nome de amizade, visto que todos os seres que desejam vivenciar tal experiência podem, desde que saibam valorizar a sua importância e reconhecer o seu lugar em meio a sociedade, seja entre homens ou até mesmo entre os demais seres.

Pode-se afirmar que a amizade, em sua abrangência, coloca-se em um patamar acima, pois reúne povos e promove de certo entre eles a união.

## **2. AMIZADES ACIDENTAIS**

Sabendo da importância da amizade, notamos que ela não só é necessária, mas também louvável e digna de honra, e, conseqüentemente, será louvável e digno de honra

todo aquele que ama os seus amigos pelo que são e não como queremos que eles sejam. Estes são considerados boas pessoas e amigos uns outros. Logo, para Aristóteles, todo aquele que possui amigos não necessita da justiça, pois tem o maior o bem e, como tal, pode recorrer a ele sempre que necessário.

Partindo de tal afirmação, de que a amizade é considerada uma virtude e como tal não recorrer à justiça para ser correto mediante seus atos, mas apenas fazer uso dela tal como a concebe o Estagirita, pois segundo ele o homem bom deseja o bem a si e ao próximo “pois os bons são bons em absoluto e úteis uns aos outros” (ARISTÓTELES, 1987, p.142). Porquanto, aquele que deseja o bem a si e a o outro é considerado pelo filósofo um ser digno de honra.

Fizemos aqui um breve comentário sobre a amizade, ou melhor, como está se daria. Porém, deixemos de lado estas questões (de semelhança) para nos debruçar sobre um assunto que merece nossa atenção, pois é peça fundamental para que compreendamos as amizades sugeridas pelo filósofo. Teremos contudo, em primeiro lugar, discorrer sobre amor e tentar compreendê-lo para seguirmos. Uma vez que o amor é de fundamental importância para que consigamos entender um pouco sobre seu papel na amizade e os benefícios que traz consigo, este é de grande valia para o ser vivo.

Nem tudo parece ser amado, mas apenas o estimável, e este é bom agradável ou útil. Mas o útil, em suma, é aquilo que produz algo de bom ou agradável, de modo que são o bom e o útil que são estimáveis como fins. (ARISTÓTELES, 1987, p. 140).

Conforme Aristóteles, os homens amam o que é estimável e tudo aquilo que lhes será bom; somos seres que buscamos o melhor e por vezes desejamos encontrar uma boa companhia que seja agradável e útil a nós.

As pessoas amam por três razões. Para o amor dos objetos inanimados não usamos a palavra “amizade”, pois não se trata de amor mútuo, nem um deseja bem ao outro (seria, com efeito, ridículo se desejássemos bem ao vinho; se algo lhe desejamos é que se conserve, para que continuemos dispondo dele); no tocante aos amigos, porém, diz-se que devemos desejar-lhes o bem no interesse deles próprios. Mas aos que desejam bem dessa forma só atribuímos benevolência, se o desejo não é recíproco; a benevolência, quando recíproca, torna-se amizade. (ARISTÓTELES, 1987, p. 140).

Segundo Aristóteles, mesmo se desejando o bem a alguém que nunca se viu, não significa que são amigos, afinal para que se possa chamar de amigo há todo um processo, visto que deve em primeiro lugar ter o amor mútuo. Deve-se conhecer o outro e partilhar entre si cada momento, a partir disto se pode dizer que há o amor, caso

contrário o que vai existir é apenas benevolência. Assim sendo, todo aquele que ama deseja não só o bem a si mesmo, mas a todos sem distinção.

Para que se possa falar de amizade são necessárias três condições: que um ser humano queira, para um outro, algo que seja um bem real ou aparente, que essa vontade seja recíproca e, ainda, que ela seja tornada manifesta. Na ausência dessas duas últimas condições, afirma Aristóteles, não existe amizade, mas simples benevolência. (BERTI, 2014, p. 125).

Porquanto, todo aquele que ama o outro ou a companhia do outro por causa de sua utilidade não ama por si mesmo, ou seja, pela pessoa que é em sua essência, mas pelo “bem” que ela pode lhe proporcionar. Com o prazer não é diferente, a amizade visando o prazer deseja encontrar no outro algo agradável que lhe dê condições de desfrutar de tal companhia, viver ao lado de quem possa lhe trazer benefícios e que lhe proporcione condições de viver bem.

[...] os que amam por causa de utilidade amam pelo que é bom para eles mesmos, e os que amam por causa do prazer, amam em virtude do que é agradável a eles, e não na medida em que é útil ao agradável. De forma que essas amizades são apenas acidentais, pois a pessoa amada não é amada por ser o homem que é, mas porque proporciona algum bem ou prazer. (ARISTÓTELES, 1987, p. 141)

Na concepção do Estagirita, todo aquele que se aproxima visando algum bem para si não é digno de ter amigo. O mesmo sucede com quem se aproxima do outro por causa do prazer, pois estes amam apenas o simples fato de usufruir de momentos bons.

Como a amizade depende mais do amar que do ser amado, e são os que amam seus amigos que são louvados, o amor parece ser a virtude característica dos amigos, de modo que só aqueles que amam na medida justa são amigos duradouros, e só a amizade desses resiste ao tempo. (ARISTÓTELES, 1987, p. 147).

Aristóteles deseja nos mostrar que todo aquele que tem ou cultiva um amor pelo seu amigo tem a maior virtude, uma vez que cultiva o bem. E estes podem ser considerados bons amigos, pois amam na medida justa e desejam o bem a si e ao próximo. Porém, para que se possa falar de amizade, é necessário que a vontade do bem comum seja recíproca entre o todo e não apenas a uma das partes. Não havendo essas duas condições, não pode existir amizade, mas apenas benevolência.

Assim, estas formas de aproximação (referente a amizade por prazer e a amizade útil), segundo o filósofo são consideradas acidentais, visto que, a maneira pela qual houve a aproximação foi desonesta e incorreta. Logo, as amizades deste tipo não conseguem se sustentar por muito tempo; elas se alteram mediante as circunstâncias e as vicissitudes da vida. A prova disto é que a partir do momento em que uma das partes

envolvida deixa de ser útil a outra, a “amizade”, que antes existia cai por terra, chegando ao fim. Todo aquele que ama por causa da utilidade ama apenas o que é bom para ele mesmo. Essas amizades servem apenas como ponte para chegar a fins visados e, depois que o objetivo desejado é alcançado, não há mais necessidade de permanecer ao lado da pessoa mantendo uma amizade que, diga-se de passagem, não a leva a lugar algum.

Contudo, observa-se que o útil não é permanente, assim como as amizades pelo prazer, posto que uma amizade baseada na utilidade muda constantemente, logo desaparece. “Os que amam por causa de sua utilidade não se amam por si mesmo, mas em virtude de algum bem que recebem um do outro”. (ARISTÓTELES, 1987, p. 141). Nessa espécie de amizade não temos nada sólido e não sendo construídas com bases solidas, estas amizades estão vulneráveis às desavenças. Com o passar do tempo, as necessidades aparentes se desfazem. Sendo assim, notamos que a amizade útil e a amizade por prazer são consideradas efêmeras.

Amizades como estas são consideradas efêmeras, porque diminuem momento em que diminui seu verdadeiro objeto. O útil, por exemplo, não é constante, mas difere a cada ocasião, de modo que quando ele acaba, acaba também a amizade nela baseada. (BERTI, 2014, p. 126).

Aristóteles alerta que essas amizades (amizade pela utilidade e amizade por prazer) estão mais propícias aos de idade mais avançada e também aos jovens, uma vez que, estes procuram sempre estar ao lado de pessoas que possam lhes proporcionar algum bem. Com os mais velhos acontece da seguinte maneira: eles procuram estar ao lado de boas companhias e conseqüentemente buscam o agradável para si mesmo. Os jovens, visam a utilidade que é o servir-se: o prazer que o outro pode dar. Neste caso, notamos o olhar de interesse e a necessidade por algo desejado. Sendo assim. “[...] o convívio só lhes é agradável na medida em que despertam uma na outra a esperança de algum bem futuro” (ARISTÓTELES, 1987, p. 141).

No ponto de vista aristotélico, os jovens são guiados pela emoção.

A amizade dos jovens, por outro lado, parece visar ao prazer, pois eles são guiados pela emoção e buscam acima de tudo o que lhes é agradável e o que têm imediatamente diante dos olhos; mas com o correr dos anos os seus prazeres tornam-se diferentes muda com o objeto que lhes parece agradável, e tal prazer se altera bem depressa. (ARISTÓTELES, 1987, p. 141).

Assim sendo, buscam em primeiro lugar o que é bom para si, mas nem sempre os mesmos desejos permanecem ao longo dos anos e, por isso, são desfeitas as amizades que se diziam para a toda vida. Isso também serve para o campo amoroso, os jovens se

apaixonam com muita facilidade, e com a mesma facilidade deixam de amar; isso serve para o amor e para a “amizade”. Conhecem alguém hoje e dizem que amam loucamente e, no dia seguinte, aquele amor já não mais existe. O mesmo sucede com as amizades. Neste caso, a utilidade e o agradável andam de mãos dadas; no momento em que já não serve, deixa-se passar e logo se desfaz as amarras que antes entrelaçavam. Logo, quando o desejo e suas satisfações são atendidas, a necessidade de querer estar ao lado da pessoa passa e faz esquecer a paixão com facilidade. Portanto, há quem deseje estar ao lado da pessoa até o fim. Neste sentido, é permanecendo ao lado da pessoa que se alcançará o verdadeiro propósito da amizade que seria o bem.

### 3. AMIZADE PERFEITA

Além das amizades visando o prazer e a utilidade, temos sua terceira forma, a mais perfeita e da qual trata Aristóteles para que se possa compreender sua importância. Esta é a amizade perfeita que se dirige aos homens bons e que busca o bem para o todo e não apenas para as partes.

A amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos. Ora, os que desejam bem aos seus amigos por eles mesmos são os mais verdadeiramente amigos, porque o fazem em razão da sua própria natureza e não acidentalmente. (ARISTÓTELES, 1987, p. 141-142).

Os homens bons devem ser bons em absoluto e úteis uns aos outros e nunca a um só, caso ele passe a procurar apenas servir-se, buscando meios para fins próprios, deixará de ser bom e isso não é algo louvável. Desta maneira, o bom deve ser bom em si mesmo bem como para o outro, buscando sempre o melhor para ambas as partes.

A amizade perfeita se dá entre os homens bom e afins na virtude. Percebe-se atualmente que as amizades são mais superficiais, cheias de máscaras e interesse. Elas se desfazem com o tempo, pois da maneira que se deu não foi correta, não foi construída em base sólida, mas baseada apenas nas necessidades que “se” tem e às quais se deseja alcançar, esquecendo-se do outro que está ao lado e que por vezes o chamava de amigo; amigo este que com o tempo se perde o contato e respeito. Para o filósofo, esta não seria a forma mais desejada de amizade, como já foi mencionada anteriormente, a amizade perfeita requer tempo, esforço e dedicação. Posto que:

A amizade requer, portanto, a vida em conjunto, isto é, a comunhão de vida, que para os homens consiste em ter em comum pensamentos e discursos, vale dizer, em comunicar-se reciprocamente os próprios pensamentos por meio dos discursos, ou, em definitivo, dialogar. (BERTI, 2014, p. 133).

Compreendemos aqui a importância do convívio e a necessidade que se têm em manter o contato entre amigos, muito embora em alguns momentos da vida e por meio das vicissitudes impostas, alguns amigos tenham que seguir rumos diferentes. Neste caso implicaria dizer que fisicamente estariam separados, mas segundo o filósofo:

A distância não rompe a amizade em absoluto, mas apenas a sua atividade. Todavia, se a ausência dura muito tempo, parece realmente fazer com que os homens esqueçam a sua amizade; daí o provérbio “longe dos olhos, longe do coração” [...]. Nem os velhos nem as pessoas acrimoniosas parecem fazer amigos com facilidades. Com efeito, tais pessoas pouco têm de agradável, e ninguém deseja passar seus dias com alguém cuja companhia é dolorosa ou não é agradável, visto que a natureza parece acima de tudo evitar o doloroso e buscar o agradável. Aqueles, porém, que aprovam um ao outro mas não convivem, parecem antes olhar-se com simpatia do que ser verdadeiros amigos. Porquanto nada é mais característico dos amigos do que o convívio; e, embora sejam os que sofrem necessidade que desejam benefícios, mesmo os que são sumamente felizes desejam passar os dias juntos; e é justamente a esses que menos agrada a solidão. Mas as pessoas não podem conviver se não são agradáveis umas às outras e não se deleitam com as mesmas coisas, como parecem fazer os amigos que são também companheiros. A verdadeira amizade é, pois, a dos bons. (ARISTÓTELES, 1987, p. 143-144).

Mais uma vez percebe-se que a amizade é necessária e está acima de qualquer bem para o filósofo. E, mesmo estando longe de um amigo, não significa que a amizade vai acabar. Na verdade, apenas o contato é rompido, mas se realmente a amizade houver sido construída em bases sólidas, irá durar o tempo e às vicissitudes da vida. Aristóteles também menciona que os mais velhos e as pessoas acrimoniosas não fazem amizades com facilidades, pois tais pessoas não seriam agradáveis o suficiente e ninguém gosta do que é doloroso, mas buscam sempre o que é agradável. E conclui dizendo que o convívio, em suma, é importante.

Assim, para Aristóteles, a verdadeira amizade é a dos bons. Bons estes que se preocupam com o todo e não apenas com as partes.

A verdadeira amizade é, pois, a dos bons, como tantas vezes dissemos. Efetivamente, o que é bom ou agradável no sentido absoluto do termo parece estimável e desejável, e cada um se afigura ser o que é bom e agradável para ele; e por ambas essas razões o homem bom e estimável e desejável para o homem bom (ARISTÓTELES, 1987, p. 144).

Compreende-se que a verdadeira forma de amizade é possível entre homens bons, pois desejam o bem a si e aos demais de formas iguais. Isso remete à felicidade para Aristóteles, pois o ser que age desta maneira consegue viver e agir bem em meio a sociedade.

Para Aristóteles, apenas a amizade perfeita está imune à calúnia, posto que não está interessada em coisas fúteis. Ela é considerada pelo filósofo uma virtude que jamais se deixaria guiar por situações e pelos maus dizeres de pessoas desvirtuosas. Aqui não há espaço para a semente da calúnia, visto que o mais importante é deixar-se guiar pelo amor mútuo e sincero. Toda amizade merece ser cultivada como uma planta que, necessariamente, se deve adubar e regar, carecendo de carinho, atenção e entrega.

A amizade entre os bons, é só ela, também é invulnerável à calúnia, pois não damos ouvidos facilmente às palavras de qualquer um a respeito de um homem que durante muito tempo submetemos à prova; e é entre os bons que são encontradas a confiança, o sentimento expresso pelas palavras “ela nunca me faria uma deslealdade”, e todas as outras coisas que se requerem numa verdadeira amizade. Nas outras espécies de amizade, porém, nada impede que tais males venham a manifestar-se. (ARISTÓTELES, 1987, p. 143)

Neste caso, Aristóteles mostra a diferença entre a amizade verdadeira, esta que segundo ele é considerada a forma mais perfeita e capaz de levar o homem a um nível elevado em meio a sociedade, e ela estaria imune a qualquer calúnia, pois se dá entre homens bons, homens com capacidade de desejar o bem de todos sem distinções. O homem virtuoso estes são dotados de virtude, e como tal não se permitiriam levar pelas calúnias. Do contrário, temos as outras formas de amizades, que segundo o filósofo, estariam expostas como a amizade por prazer e amizade por utilidade. “A relação entre as diferentes formas de amizades e, portanto, determinada por meio da distinção entre o que é amizade por si (...) e o que é amizade por acidente” (BERTI, 2014, p. 140). Assim sendo, a amizade em si é amizade perfeita que se dá entre homens bons, e as outras formas são consideradas acidentais, pois estão expostas às calúnias e se deram de forma passageira e com o tempo se desfazem.

Aristóteles deseja mostrar a importância das amizades e distingue cada uma delas, mostrando como cada uma tem sua particularidade, mas sempre mostrando que ela é necessária à vida, pois sem amigos ninguém poderia viver; nem mesmo o homem feliz, pois mesmo sendo feliz, aparentemente autossuficiente e detentor de vários bens, este também necessita de amigos. “O homem feliz tem necessidade de amigos” (BERTI, 2014, p.131). Para que possa desfrutar de todos os momentos de sua vida, o homem feliz também necessita de companhia e deseja que essa seja boa e prazerosa e possa lhe dar condições de viver bem consigo mesmo e com os demais a sua volta. Assim a nota-se que a amizade seria:

A amizade é comunidade de duas ou mais pessoas ligadas por afeto e atitudes voltadas para o bem. Aristóteles tem, entretanto, uma visão mais ampla e extensa, e define a amizade como virtude e hábito, não como

condicionamento, mas como disposição de caráter, disposição ativa de empenho da pessoa ao bem. (LARA, 2009, p. 42).

A amizade traz consigo benefícios e pode levar o homem a um estado de total satisfação consigo mesmo e como os demais a sua volta, desde que desejem o bem e que estejam de acordo entre si, proporcionando momentos agradáveis para ambos. As amizades entre homens bons são consideradas permanentes, visto que encontram um no outro as qualidades necessárias para que consigam viver bem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do nosso trabalho, podemos dizer que a verdadeira amizade se dá entre pessoas boas e que estas são consideradas boas em si mesmas, pois desejam o bem ao todo e não apenas as partes. Diferentemente das outras amizades citadas pelo filósofo (amizades por utilidade e amizade pelo prazer), estas são consideradas formas de amizades acidentais, e como tal estão longe de levar o homem a um estado pleno de felicidade. Muito pelo contrário, amizades como estas estão apenas preocupadas em “si” mesmas, em trazer para si próprio os benefícios e com o passar do tempo vão se desfazendo, pois não foram construídas em bases sólidas.

Se fizermos uma observação mediante a análise de Aristóteles referente a (amizade por utilidade e a amizade por prazer), notamos que elas se fazem presente nos dias atuais. Notamos isto ao olharmos para a sociedade em que vivemos, e a maneira como as pessoas se aproximam umas das outras visando algum tipo de benefícios. E quando estes benefícios são alcançados, as amizades se desfazem rapidamente. O que parecia ser algo indestrutível à primeira vista torna-se algo vulnerável, pois a forma a qual se deu não era verdadeira.

Assim, a amizade perfeita para o filósofo teria que se dar entre pessoas boas, capazes de desejar o bem a si e ao próximo sem distinções. Aristóteles menciona que amizade como esta é difícil de encontrar e que não conseguiríamos ser amigo de muitas pessoas. E realmente não conseguiríamos, uma vez que (ser amigo) requer tempo, familiaridade, entrega, respeito, convivência, amor, e questões como estas não sucedem da noite para o dia.

A amizade, quando verdadeira, está acima de qualquer espécie de riqueza (bens materiais) e a prova disto é que mesmo o homem sendo o mais rico e detentor de grandes posses (carros, fazendas, casas, ouro, entre outros), teria a necessidade de um amigo,

para com ele poder dialogar e falar sobre seu dia, seus projetos e assim manter uma conversa prazerosa, diga-se de passagem, para ambos.

Interessante seria se conseguíssemos compreender que ser amigo não é apenas querer estar ao lado do outro em momentos bons, mas poder estar ao lado também em tempos difíceis, afinal ser amigo é ser leal e acima de tudo desejar o bem ao outro.

É perceptível que a amizade considerada virtude para Aristóteles se dá entre homens de bem, ou seja, entre pessoas boas que desejam o bem reciprocamente. Isso remete à felicidade, pois o ser que age desta maneira consegue viver bem e agir bem em meio a sociedade.

Portanto, a verdadeira forma de amizade desejada pelo filósofo é a amizade perfeita que se dá entre homens bons capazes de desejar o bem ao próximo e a si mesmo de maneira igual.

### ABSTRACT

The work to be presented, refers to Book VIII of the Nicomachus ethics of the philosopher Aristotle, where he exposes the three types of existing friendship. The friendship based on the utility, the friendship aiming at the pleasure and finally the perfect friendship. According to the philosopher these friendships differ from each other, each with its particularity. Friendship for utility, aiming only at benefits, the second form that is concerned with reciprocal pleasure in friendly coexistence. According to the philosopher these friendships are considered accidental, since they occur in a fleeting way. Finally we will have the friendship mirrored in goodness (or virtue), something that Aristotle took as perfect. Based on Aristotelian thought, these three types of friendship are proposed, aiming to observe their differences.

KEY WORDS: Friendship; Ethic; Ethics to Nicomachus; Aristotle

### REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim São Paulo: Nova Cultural,1987. (Os Pensadores).

BERTI, Enrico. **Novos Estudos Aristotélicos III**. Tradução de Elcio de Gusmão Verçosa Filho. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LARA, Renata de Oliveira. **A amizade na Ética a Nicômaco**. Dissertação de Mestrado.Fortaleza,2009.

ZINGANO, Marco. **Estudos de ética antiga**. 2ed.São Paulo: Paulus,2009.